

Circular nº 417/2023

Brasília (DF), 13 de novembro de 2023

Às seções sindicais, secretarias regionais e à(o)s diretores(a)s do ANDES-SN

Assunto: Relatório reunião do Grupo de Trabalho de Ciência e Tecnologia – GTCeT realizada em Brasília, nos dias 07 e 08 de outubro de 2023

Companheira(o)s,

Encaminhamos o Relatório da reunião do Grupo de Trabalho de Ciência e Tecnologia – GTCeT realizada em Brasília, nos dias 07 e 08 de outubro de 2023.

Sem mais para o momento, renovamos nossas cordiais saudações sindicais e universitárias.

Prof^a Annie Schmaltz Hsiou

3^a Secretária

**Relatório da Reunião do Grupo de Trabalho de Ciência e Tecnologia (GTCeT)
Gestão 2023/2025**

Presentes:

Coordenação: Annie Schmaltz Hsiou (3ª secretária, Andes-SN); Michele Schultz (1ª VPR Regional São Paulo, Andes-SN); Cesar Beras (1º VPR Regional Rio Grande do Sul, Andes-SN).

Seções sindicais: Álvaro Santos Alves (ADUFS-BA); Angelica Miranda (APROFURG); Elaine da Silva Neves (ADUFPel); Fábio Aparecido Martins Bezerra (SINDCEFET-MG); Fernanda Kieling Pedrazzi (Sedufsm); Graciela Doz Carvalho (ADUnB); João Claudino Tavares (Aduff); Marcelo Massayoshi Ueki (ADUFS-Sergipe); Marcelo Zaiat (Adusp); Maria Luiza Pinho Pereira (ADUnB); Mayra Goulart (ADUFRJ); Michelli Costa (ADUnB); Milton Luiz Paiva de Lima (APROFURG); Nedir do Espírito Santo (ADUFRJ); Paulo Araquém Ramos Cairo (ADUSB); Renato Peixoto Dagnino (ADUnicamp); Taise Cristina Gomes Clementino de Negreiros (ADUnB).

Data: 07 e 08 de outubro de 2023 (sábado e domingo)

Horário: Início: 9h (sábado)

Término: 12h (domingo)

Local: Sede do ANDES-SN (Sala de reuniões/CDOC, 3º andar)

Programação:

Dia: 07/10/2023 - Sábado

09h - Abertura e apresentação

Coordenação: Annie Schmaltz Hsiou (3ª secretária, Andes-SN)

Relatoria: Michele Schultz (1ª VPR Regional São Paulo, Andes-SN)

Secretaria: Cesar Beras (1º VPR Regional Rio Grande do Sul, Andes-SN).

09h30 - 12h - Mesa: “Impactos do produtivismo acadêmico nas políticas de C&T&I”

Convidado: Prof. Manoel Fernandes (USP)

Apresentação: Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (1992, 1993), realizou mestrado e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1997, 2004) e pós-doutorado em História da Cartografia pela Universidade do Porto (2012-2013). Docente da Universidade Federal da Paraíba (1993-1998), Universidade Federal do Ceará (1998-2007) e da Universidade de São Paulo desde 2007 onde realizou Livre Docência em 2019 e é Professor Associado. Atuou como Professor Visitante na Université Cergy-Pontoise (2019) e presidiu a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ANPEGE (2018-2019). Poeta-docente publicou livros, artigos e ensaios voltados à compreensão da história da geografia no Brasil, à geografia histórica do capitalismo, à história da cartografia e ao ensino de geografia.

Intervenção – Inicia a fala explicitando que trabalhará a lógica do produtivismo e questões da carreira. Para contextualizar, traz a declaração de Zago (ex-reitor da USP) em entrevista: “dedicação exclusiva é uma jabuticaba brasileira”. Na USP, há tentativa de não fazer editais para dedicação exclusiva e, recentemente, implantou-se editais de mérito. A lógica é da eficiência com redução da quantidade de docentes, com aulas em diversos cursos. Gestão de caráter corporativo, empresarial, que desloca professores para ministrar aulas em várias áreas. Ataque aos colegiados decisórios, com criação de estruturas paralelas. Atuação das fundações privadas ditas de apoio - na USP é a FUSP. Política de bonificação para os autodenominados jovens doutores, que têm visão sob lógica produtivista. Disciplinas voltadas ao empreendedorismo, com bolsas que servem como complementação salarial. A dedicação exclusiva na lógica empreendedora não serve. Os docentes têm de trazer recursos para a universidade. Todos os projetos da Faculdade de Medicina da USP têm ligação com empresas. O que vem ocorrendo é a mercantilização ou neoliberalização da Ciência, mais financeirização da CeT. Na CAPES, há a lógica de padronização dos processos de produção científica com perspectiva de metrificação de nível internacional. Publicação em periódicos *open access* - vínculo das empresas aos fundos de pensão com ações abertas nas bolsas de valores (e.g., Elsevier). Os ataques à carreira com todas as pressões, leva cada vez mais desvio dos recursos da CAPES para essas revistas. Em 2022, a CAPES pagou em assinaturas, meio bilhão de reais - transferência de recursos públicos. A lógica da financeirização tem sido adotada entre

docentes. Há uma questão geracional. Critérios de excelência da CAPES são baseados em percentuais, quartis, ranqueamento. A Lei 13.243 (Marco Legal C&T&I) imprime uma cultura produtivista aumentando cada vez os índices com práticas individuais ao invés de práticas coletivas, como se nota na avaliação de meio termo da CAPES. Há quarenta mil produtos na área de Geografia, mas há áreas com 3 ou 4 vezes mais. Autoria e coautoria: há artigos com 32 autores, o que pode caracterizar uma delinquência acadêmica, com coautoria de manada, o que é muito danoso. A concorrência não é mais uma concorrência de mercado, trata-se de uma lógica acomodada pelos fundos de pensão e bolsas. Publicação em revistas predatórias: proposta de extinção do Qualis, com uso de índices de impacto. As Ciências Humanas e as Ciências Sociais são e serão as mais afetadas. Assédio moral coletivo – p. ex., lista de improdutivos da USP - a relação de poder nos programas de pós que não credenciam pessoas que não atingem patamares estabelecidos. Produtividade e questões da parentalidade. Fusão da Thomson e Reuters - empresa privada que nasceu para consultoria.

Convidado: Ivan da Costa Marques (UFRJ)

Ivan formou-se em Engenharia Eletrônica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica em 1967, obtendo mestrado e doutorado em Electrical Engineering and Computer Science na Universidade da Califórnia, Berkeley, em 1970 e 1973, respectivamente. Ao retornar ao Brasil, tornou-se professor-pesquisador da COPPE e do NCE/UFRJ, onde também foi diretor em 1976. Entre 1977 e 1980, desempenhou papéis importantes, como Coordenador de Política Industrial-Tecnológica da CAPRE e Diretor Técnico da Digibrás. De 1981 a julho de 1986, foi acionista majoritário e diretor da Embracom - EBC, empresa privada de informática no Rio de Janeiro. Posteriormente, de agosto de 1986 a julho de 1990, ocupou o cargo de diretor-presidente da fabricante estatal de computadores COBRA S.A. Com mais de duas décadas de experiência em economia e engenharia de produção, focando na Economia da Tecnologia, destacou-se no cenário brasileiro, especialmente em questões ligadas ao desenvolvimento tecnológico, educação e indústria de computadores. De agosto de 1990 a julho de 1992, atuou como "visiting scholar" no Historical Studies Committee da New School for Social Research, em Nova York, NY, concentrando-se em história das ciências e tecnologias. Em 1995, retornou

à UFRJ como professor-pesquisador e, desde então, dedicou-se ao desenvolvimento dos Estudos CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade) no Brasil. Participa ativamente em diversas atividades acadêmicas, como integração em conselhos editoriais, comitês editoriais e atuação como parecerista ad hoc em revistas especializadas. Em 2002, fundou coletivamente o grupo de pesquisa NECSO (CNPq) e, em 2009, foi fundador e eleito o primeiro presidente da ESOCITE.BR (Associação Brasileira de Estudos Sociais de Ciências e Tecnologias), sendo reeleito em 2011 e 2013. Entre 2009 e 2014, foi membro do Conselho e vice-presidente da SBHC - Sociedade Brasileira de História das Ciências. Aposentou-se como Professor Associado IV em 2014, sendo promovido para Professor Titular em 2015. Além disso, exerceu o cargo de Pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa da UFRJ de julho de 2015 a maio de 2016.

Intervenção: Inicia a fala sobre o Produtivismo - o artigo científico virou um produto, com empresas como Thomson & Reuters, Elsevier - mercado em construção. Submissão de um artigo científico é feita para um editor que avalia a pertinência. Pareceristas avaliam as pertinências de pareceres com resultados para publicar, publicar com alterações ou não publicar. Revistas não são obrigadas a seguir pareceristas. Editor é quem define. Por estar em construção, não há pagamento para revisores. Processo internacional, com países que nos servem de modelos, EUA e europeus, mesmo com diferenças entre países. Como lidamos com isso? Não devemos achar que tudo isso está errado, considerando o processo em andamento em escala mundial. Possibilidade do Brasil contribuir em escala mundial é pequena, pois as instituições de pesquisa são coadjuvantes.

Três males para cuidar:

- mal do presentismo - ausência de história na constituição das políticas públicas. Na coletividade de Ciência, Tecnologia e Sociedade predomina uma noção *Mertoniana* de ciência - auge do prestígio da ciência. Colocou cientistas em posição privilegiada, pelo estabelecimento de uma verdade, com ceticismo e com universalismo. Merton usou inicialmente comunismo. Baniba Bush (Ciência sem Fronteiras e sem Limites), conceitos ligados àquela época - diferença entre ciência básica e aplicada

- mal do universalismo - atribuição de valor universal à ciência. Universal é um particular com poder (Eduardo Viveiros de Castro). Não existe conhecimento universal. Ele é situado.
- colonialidade do poder - ausência de coragem de pensar sem a guia de nossas metrópoles - EUA e Europa. Sem ousadia não vamos enfrentar o mercado, o fato de artigo ser um produto. Razão iluminista colocada como razão universal, mas é uma determinada razão. Krenak na Academia Brasileira de Letras - outras formas de ver. Trindade do Eduardo Viveiros de Castro.

Hábito que reforça a lógica de mercado - se habitarmos os edifícios ocidentais. Podemos visitar, mas não habitá-los.

Duas proposições para discussão:

- Dispositivo de conhecimento: baseado Michel Foucault com Paulo Freire. Conceitos e ideias importados. 'Entidades' tratadas como dispositivos de conhecimento.
- Conceito narrativo de ser: materialidade do dispositivo de conhecimento. Não vivemos sem as coisas: "eu não respiro sem o ar". Tem o fazer agir com o entendimento das coisas.

Quando se faz pesquisa que se considere o conceito narrativo de ser, de forma a localizar a pesquisa. Que alternativas? Pensar sem as guias das metrópoles?

Debate:

Angélica Miranda (APROFURG) - Tese: Constituição acadêmica como referência. Levantamento das revistas predatórias no Brasil. Digitalização e ciência aberta. Portais brasileiros de acesso aberto: Oásis, Rede Sul, etc. Como veem esses movimentos no Brasil?

Fábio Bezerra (SINDCEFET - MG): Unidade entre pesquisa e extensão. Sugere que o Andes-SN faça um memorial/levantamento sobre perfis e identidades de pesquisa e extensão. Que desenvolvimento é esse? É para eliminação das desigualdades. Endossamento crítico ao

MLCTI, abre espaço para Future-se. Pensar as parcerias dos movimentos sociais. Conhecimento é poder!

Marcelo Zaiat (ADUSP): Questão que incomoda: como atacar o problema do produtivismo? O mercado de artigos define carreiras. O produto como motor de carreiras. Luta difícilíssima, para não dizer impossível. É preciso mudar essa lógica sem mudar o conceito de universidade?

Michelli Costa (ADUnB): Produtivismo e avaliação da ciência revelam as desigualdades das ciências. Internacionalização da ciência, como produto do capital. Nossa ciência é uma subciência por conta da internacionalização. O que é ciência, o que é subciência com elementos de competitividade? Avaliação dos programas de pós - pensado para competição.

João Claudino (ADUFF): Enfrentamento ao colonialismo da ciência. Milton Santos meio técnico-científico-operacional nos ensina. Livro do Antônio Bispo dos Santos - A Terra Dá, a Terra Quer.

Michele Schultz (Andes-SN): O ideal era chamar de Ciências, como forma de aglutinar todas as formas advindas que fogem da Ciência hegemônica. Desafio: como sensibilizar e retirar colegas dessa “ciranda produtivista”? A perspectiva que Ivan apresenta é material, histórica e dialética. Não se deve hierarquizar conhecimento. A privatização está muito presente, na USP há o “USP do Futuro”.

Renato Dagnino (Adunicamp): O que fazer? Diagnóstico: produtivismo é o elo com a universidade neoliberal, fruto do capitalismo. Produtivismo introjetado nos pesquisadores - inclusive os de esquerda. Falar de tecnociência e não ciência e tecnologia. As fundações viabilizam esse estilo. Quem são nossos aliados? Que tipo de reindustrialização? Tecnociência solidária seria a resposta. Alianças com movimentos sociais.

Maria Luiza (ADUnB): Foi negado à geração de 1970 e 1980 a história do povo brasileiro, foi negada a identidade do povo brasileiro. Se o Andes-SN fica somente em salário e carreira não estamos desenvolvendo nosso papel. O modelo de tecnociência tira o Brasil do modelo de internacionalização. Ouvir movimentos sociais, cita o conselho comunitário na UnB.

Cesar Beras (Andes-SN): Dardot e Laval - nova fase de neoliberalização. Não há movimento revolucionário sem teoria revolucionária, Lênin. Parcerias público-privadas - muitos colegas estão nessa lógica. Há disputa na categoria.

Annie Schmaltz Hsiou (Andes-SN): Movimento anti-sindical forte dialogando com o presentismo. Setores que não encaram as questões de gênero, raciais etc. Cooptação pelos setores dominantes. Debate sobre o presentismo que se reflete no imediatismo da nossa categoria, revertida em movimentos antissindicais na USP, com forte distorção de uma realidade concreta que afeta o seio da categoria, como assédios e violências, bem como atravessamentos de gênero raça, apontam para um sindicalismo de resultado para as entidades.

Michele Schultz (Andes-SN): Fundos de investimentos (endowments); percepção geracional, negação da história da geografia.

Fábio Bezerra (SINDCEFET-MG): Função social e fazer pesquisa é um equívoco. Produtivismo reproduz a lógica do capital. Mote deve ser a crítica ao modelo de produção capitalista. Tem de ter perspectiva emancipatória e combater a perspectiva imperialista das agências internacionais. Modelo de financeirização da vida humana, coisificação. Perspectiva anticapitalista e anti-imperialista. Que movimentos sociais também passem a ser construtores de episteme.

João Claudino (ADUFF): Aziz Ab'Saber - pensamento social brasileiro. Questões de gênero e raça. Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus - pensadores brasileiros. João do Vale: *“Deu meia noite, a Lua faz o claro/Eu assubo nos aro, vou brincar no vento leste/A aranha tece puxando o fio da teia/A ciência da abeia, da aranha e a minha/ Muita gente desconhece/Muita gente desconhece, olará, viu?/Muita gente desconhece”*.

Renato Dagnino (Adunicamp): Necessidade social vira demanda cognitiva. Qual é a demanda cognitiva, do povão? Quem pode resolver isso? Movimentos sociais podem trazer isso para ensino, pesquisa e extensão. Pauta original e complexa e cabe a nós, trabalhadoras/es do conhecimento, identificá-las. Proposta de canal de comunicação com trabalhadoras/es da educação.

Fechamento – Ivan: Corporativismo. Sistema de avaliação da CAPES beira corrupção. Bolsas de produtividade são vitalícias. A única maneira de perder é não apresentar o relatório. Esperança na juventude. Antropofagia: comer o estrangeiro! Não podemos negar o estrangeiro. Parcerias – p. ex., importação de máquinas chinesas pelo MST. Mudar o conceito de universidade - ensino, pesquisa e extensão. Extensão deveria estar em tudo. Dispositivos de conhecimento: tabela da CAPES, revisão por pares, patentes. A forma científica da verdade está emoldurada, pré-concebida. Nós somos treinados no processo de escolarização a replicar o processo de colonização. Material, histórico e dialética - mas e o crescimento econômico? O progresso? O método? Universidade tem de buscar outros parceiros, como sugere Dagnino. A importância da ciência brasileira é quase nada. Pra gente entender o mundo fora do que o Ocidente nos vende: os entes são narrados, mas não são só discurso. As narrativas são importantes. As formas são adquiridas nos processos do conhecimento. Questões que são coletivas, mas não são sociais. Mundo das coisas e mundo dos homens. Átomo não tem relação com democracia?

Fechamento – Manoel: Qualidade das discussões e reunião de intelectuais como Jorge Luiz Borges. Convidar Bispo, Krenak e Stédile para debater processos de elaboração de saberes. Talvez seja muito difícil construirmos o que estamos sugerindo dentro das instituições que trabalhamos. Certa descrença. Muitas/os colegas do movimento se tornaram reitoras/es. Criar uma universidade popular, das outras ciências, que congregue outros saberes. Que o Andes-SN pudesse propor algo assim. A internacionalização da ciência que fazemos é uma ciência *commodity*. A nossa participação na produção científica mundial tem essa perspectiva. Atlas do pensamento do Paulo Freire - autor mais lido no mundo todo, referência mundial. Reposicionarmos as possibilidades de avaliação. Há exemplos de rompimentos com avaliação internacional, como Austrália. Xavier Polanco - discussão de *mainstreaming* do tempo de produção científica. Não tem esperança nos estudantes. A universidade que nós defendemos e conhecemos não existe mais. Novas gerações já estão na lógica produtivista, não faz o questionamento. Negroceno - Malcolm Fernandes, Kabengele Munanga e Nêgo Bispo. O sindicato acaba sendo muito corporativo, uma crítica necessária. Lembra a morte de Carlos Walter Porto Gonçalves que criticava o desenvolvimento. Valter Minoro - todo saber é

geograficamente localizado. Abelardo e Boaventura - intelectual capaz de dizer aquilo que não se quer ouvir.

12h - 14h - Almoço

14h - 16h - Mesa: “Perspectivas do movimento ciência aberta na produção do conhecimento nas IES” – convidada: Profa. Michelli Costa (ADUnB).

Coordenação: César André Luiz Beras (1º VPR Regional Rio Grande do Sul, Andes-SN)

Relatoria: Michele Schultz Ramos (1ª VPR Regional São Paulo, Andes-SN)

Secretaria: Annie Schmaltz Hsiou (3ª secretária, Andes-SN)

Apresentação - Trabalhou no IBICT, ligado ao MCTIC, pesquisa ciência aberta desde a graduação.

Intervenção (Apresentação Anexo 1) - Por que a necessidade de ter ciência aberta? Porque há práticas de controle da produção científica. Ciência mais transparente, acessível e disponível. Artigo científico se tornou mercadoria cada vez mais cara. Acesso aberto - leva à necessidade de abertura de todas as estruturas para produzir e divulgar o conhecimento científico. Crises dos periódicos: aumento das taxas dos periódicos. Alguns pesquisadores defendem que, desde 1990, houve aumento de mais de 1000%. Além dos periódicos das CAPES, bibliotecas pagam assinaturas específicas, normalmente 80% do custo das bibliotecas. MEC repassa para universidades para pagamento das bases que já pagavam. A duplicação levou à criação do portal de periódicos da CAPES. Há elementos para questionamento. MEC pagou mais de um bilhão de 2021 a 2022 - mais da metade para Elsevier. Mais de 70% das publicações científicas estão nas mãos de 4 empresas. Financiamento público para pesquisas, revisão gratuita, doamos os direitos para editoras que cobram para publicar, novamente pago

com verba pública. Lobby da Elsevier provocou uma tentativa de boicote - primavera acadêmica. Políticas contra a ciência aberta: NIH - toda pesquisa publicada com financiamento fosse de acesso aberto. O lobby foi para considerar inconstitucional a política proposta pela NIH. Margem de lucro das editoras - 37,5%, maior do que Apple e Google, p.e. Banco alemão chega a considerar tais lucros imorais. Software livre e filosofia aberta - Aaron Swartz e Alexandra Elbakyan (SciHub) - considerados pirataria pelos setores dominantes. Argumento para a desobediência civil - se a lei é injusta, justifica a ação.

Estratégias para ciência aberta dos inícios dos anos 2000:

- Via dourada: criar periódicos de acesso aberto, tomando Bireme e Scielo como exemplos;
- Via verde: repositórios digitais - usaram como modelo o Archive.org. Proposta de que as instituições criassem seus repositórios com políticas de informações. Editora tem direito de compartilhar a publicação, mas não exclusivo.

No Brasil - IBICT criou software para orientar criação de publicações de acesso aberto, o que levou a ser o 2º maior país com mais periódicos de acesso aberto. Como chegou a essa posição? Pela exploração do trabalho das/os docentes. Como saber se a revista tem acesso aberto: diadorim.ibict.com - qualidade dos periódicos de acesso aberto medida por fator de impacto, que é da Web Science (e que ninguém audita). Periódicos de acesso restrito tendem a ter maior fator de impacto. Ciências agrárias, a que tem maior impacto no Brasil, mesmo assim baixo impacto. A pesquisa local perde na lógica da universalização. Concentração das publicações no norte global. Soluções: Oasisbr - do IBICT. Programa Horizonte 2020 - APC - taxa de publicação: aumentando a taxa de lucro das editoras. UGP - parceria para governo aberto, foi ela que colocou a LAI. Política Nacional para Ciência Aberta - projetos arquivados, mas serviram de modelo para política no Peru e Argentina. Plano S para o Brasil - sem que tenhamos a mesma estrutura. A ciência aberta já está dada, participemos ou não. O Brasil tem especificidades que precisam ser consideradas. Para pensar a política de ciência aberta, temos de pensar a qualidade. Apesar dos princípios da ciência aberta serem importantes, tem de garantir participação da sociedade. Fluxo na ciência aberta - sul-sul, sul-norte, não só norte-sul. BrCris.ibict.br - portal de financiamento. Ciência cidadã: abertura da ciência não só para

dentro de si mesma, mas para a popularização da ciência. Além da divulgação científica, participação da sociedade ativamente na produção do conhecimento. É preciso haver abertura da agenda para que a sociedade participe.

Debate

Nedir do Espírito Santo (ADUFRJ): Há debate sobre comitês editoriais?

Michele Schultz (Andes-SN): Aprendeu bastante sobre o tema. Questão da pirataria: na USP a comunidade deve estar logada no VPN para ter acesso às revistas, mas estudantes preferem páginas “piratas”. Perspectiva sendo o sul o nosso norte, por conta dos dados mostrados que evidenciam a concentração de produção no hemisfério norte. Ter atenção sobre o acesso digital que é desigual no Brasil.

João Claudino (ADUFF): Ciclo vicioso do produtivismo. Ex.: GED que classificou pessoas como improdutivas. Sobretrabalho, adoecimento pela lógica produtivista. Processo de produção de mais valia com sobretrabalho. Questão das patentes. Lattes vai sair do ar: indignação.

Álvaro Alves (ADUFS-BA): Quais critérios para dizer que as revistas têm baixa qualidade?

Renato Dagnino (Adunicamp): Tema que veio da base. Por que veio da base? Vem de mais tempo, com outra classificação. Onda da ciência aberta: porque cresceu a comunidade de pesquisadores, sobretudo, estudantes da pós graduação. De 2006 a 2008, com economia bombando, esperava-se contratação - 30 mil formados por ano com baixíssima contratação pelas empresas. Até que ponto o tema tem prioridade ou seria para estudantes de pós graduação?

Angélica Miranda (APROFURG): Quem conhece o repositório da instituição? Impacto do JCR? Por que não usamos a divulgação por ciência aberta? Diferenciar revistas de acesso aberto das revistas predatórias. Como vai discutir universidade pública sem pensar a produção? Conhecimento produzido na universidade pública deve ser disponibilizado e público, não comercializado. Fator de impacto não significa qualidade.

Annie Schmaltz Hsiou (Andes-SN): APC tem cota para gratuidade, mas critérios são constrangedores e burocráticos. Não recebe para avaliar, mas ganha voucher para a próxima publicação. Acesso aberto com fator de impacto baixo.

Fechamento – Michelli: Começar conhecendo e usando os repositórios. Pré prints são nossos para depositar nos repositórios, antes da publicação definitiva. Plataformização: editoras vendendo plataformas para gerar indicadores a partir dos dados que as universidades geram. Clarivate é uma plataforma da Elsevier para indicadores. Como avaliamos a qualidade? Normalmente pelo fator de impacto criado pela própria empresa. Avaliação aberta: para garantia de qualidade. Tecnologia para resolver os problemas. Colaboração na autoria - embora haja diferença entre áreas, a colaboração numa perspectiva de internacionalização acaba revelando desigualdades. Discriminação de autoria - valoração de trabalho. Tabela credit - tarefa de autoria. Pesquisadores do Norte ficam com análise e do Sul com desenvolvimento. A ciência aberta não supera a estrutura de desigualdade. La Referencia - encontro latino-americano. CC Commons - acesso aberto.

16h - 16h30 – Intervalo com lanche

16h30 - 18h00 - Painel: *"Mapeando a implementação do MLCTI nas Universidades, Institutos Federais e CEFETs: impactos e desafios"* (Painelistas: seções sindicais).

ADUSP (Marcelo Zaiat): Implementação do MLCTI na USP - principal instrumento *INOVA USP*, iniciativa que visa a implementação deste marco. Como se fosse uma incubadora de iniciativas com o setor privado, por 5 anos e renovar por mais 5 anos. Diversos parceiros privados. USP está bastante avançada nessas parcerias privadas. Nascido através do projeto "USP do Futuro", em 2016, "para buscar o *equilíbrio financeiro* da USP". "Uma empresa pode adotar um laboratório ou fazer doações para equipá-lo". Isso gera um assédio institucional das empresas privadas para o uso dos recursos dos laboratórios. Agência USP inovação: disseminação da cultura empreendedora entre discentes e docentes (fomentar *startups* de estudantes). Innostart, voltada para discentes (braço do INOVA USP, com Guia de suporte aos alunos); Núcleos de empreendedorismo (NEU), que reproduz a ideia do INOVA USP. Outras ações: Fundações (ampliação da ação da FUSP), agências de fomento (ampliação de editais), risco de curricularização (NEU) atender a comunidade empresarial. Citação Prof. Florestan

Fernandes: *“A reconstrução educacional, para ser irreversível, fermentadora e revolucionária, precisa brotar de dentro das instituições escolares, em qualquer nível de ensino. Se o professor revelar-se incapaz de modificar, parcialmente que seja, suas atitudes, comportamentos e mentalidade, os melhores planos de reforma, impostos de fora para dentro, desembocarão num vazio irremediável. Não farão história e muito menos história educacional, pois esta alimenta-se de convicções íntimas e de aspirações profundas. Os planos impostos por via legal e sem forte compulsão coletiva, mudam as aparências sem modificar a realidade das coisas.”* Estamos perdendo a referência de universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada (**Apresentação Anexo 2**).

Adunicamp (Renato Dagnino): A América Latina foi o que mais se empenhou para a vinculação universidade/empresa, seguindo modelo de universidade do norte, enquanto a empresa não necessariamente faz pesquisa aplicada. modelo idealizado por conta das Ciências duras. No Brasil, através de Marcovich, criou-se uma coalizão de conhecimento para ser repassado para as empresas. De todo gasto em pesquisa, apenas 1% era investido na universidade. O que interessa é o pessoal que é formado pelas universidades. Porém, este modelo não é assim nos EUA. O dinheiro que vem dos contratos com a empresa não tem investimento nenhum na universidade. Nenhuma universidade se beneficia com dinheiro de empresas. Modelo brasileiro do MIT pode ser encontrado na Unicamp. O argumento é falacioso. Pesquisador com uma visão distorcida, para ver onde pode patentear para "engordar" o Lattes. O processo se acelera pelo neoliberalismo através dos IPTs. O inimigo não é a empresa localizada no Brasil, 80% das empresas inovadoras do Brasil dizem que inovam comprando equipamentos. Taxa de lucro é maior que a taxa de investimento. Conseguiram barrar uma proposta do Inova Unicamp, a materialização da elite científica da Unicamp. Conseguiram que a proposta não fosse votada no conselho universitário. Criado um GT pela reitoria para estudar a contraproposta. Observatório de Tecnociência Solidária para a Unicamp, que está arquivado atualmente. Força do pensamento hegemônico neoliberal. Essa discussão deverá ser atravessada pelas questões sobre a crise do capitalismo, do meio ambiente, das desigualdades sociais etc., com o Andes-SN dialogando com setores do movimento estudantil.

ADUnB (Michelli Costa): Elementos que valem destacar, na UnB, muita demanda e parceria com o poder público. Uma relação que leva servidores e docentes a participar dos governos,

que acaba por gerar um vínculo salarial problemático. Estão reestruturando o GT CeT na ADUnB. Realizaram um texto de orientação para a categoria que inclui a atuação do GT CeT, bem como organizaram dois seminários, o primeiro ocorrerá no dia 22/11/2023. Educação à distância - na UnB foi implementado 40% de ensino remoto. A UnB teve muita influência das fundações até 2018, e pela mobilização estudantil, esta influência baixou relativamente.

SESDUFSM (Fernanda Kieling Pedrazzi): existiu uma agência de inovação, porém foi extinta. Em contrapartida criaram uma Pró-reitora de Inovação e Empreendedorismo em 2022. Recentemente o Consu aprovou o uso da infraestrutura da UFSM, junto à comunidade externa (laboratórios, equipamentos, materiais e demais instalações existentes) para dar suporte em pesquisa em tecnologia e inovação: "um novo modelo de negócios na instituição". Se acelerou bastante o processo de parceria público-privada.

APROFURG (Angélica Miranda e Milton Lima): Angélica falou dos GTs, do andamento e da reorganização dos grupos, em especial do GT de Ciência e Tecnologia na seção Sindical APROFURG. Comentou que o Prof. Milton resgatou sua participação de 2016 a 2018 no GT CeT, justamente quando trataram do Marco de C&T&I no país. Expôs sobre as tratativas ocorridas e a postura crítica do sindicato em relação a essa lei. O trabalho culminou com a elaboração do caderno de C&T, e o Prof. Milton esteve sempre na ativa. No final da gestão anterior foi criada uma Pró-reitora de Inovação e Tecnologia da Informação (Proiti). Estão dentro dessa Pró-reitoria, o Parque Científico e Tecnológico – OCEANTEC a Incubadora de Empresas de Base Tecnológica - INNOVATIO. Com essa mudança, o Centro de Gestão de Tecnologia da Informação – CGTI deixou de ser uma unidade ligada à reitoria, e passou a fazer parte dessa Pró-reitoria. O Professor Milton comentou que tem percebido que tem passado pelos conselhos superiores projetos com cláusulas em que não pode ser publicizado o valor do contrato e nem sequer o nome da empresa que permite o financiamento.

ADUFF (João Claudino): Não conseguimos ainda mobilizar o GT CeT na atual gestão da ADUFF-SSind. A nossa participação será para acúmulo e rearticulação do GT CeT na UFF. Temos enfrentado a perspectiva do empreendedorismo e venda de serviços na UFF e especialmente a partir da questão da curricularização da extensão, onde, por exemplo, conseguimos que na Resolução da UFF tenha sido retirada as referências às vendas de serviços.

Além disso, temos lutado contra a privatização dos espaços da UFF, a exemplo do que tem denunciado docentes do Curso de Educação Física.

ADUFPel (Elaine da Silva Neves): A criação das fundações possibilitou inúmeros avanços da iniciativa privada, mas não tem grandes empresas na região. Criação da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação.

ADUFS-SE (Marcelo Ueki): Regulamentação que normatiza o MLCTI em setembro de 2022, com uso da infraestrutura da universidade. Na época, em 30/08/2022, o TCU revelou que já estava implementado em 69 instituições. Foram criados os condomínios de laboratórios, só professores lotados podem submeter projetos no CTInfra. Quem não cumprir as metas do condomínio é excluído.

Fórum das Seis (Michele): Evento Fórum das Seis em 2022: que debateu o MLCTI e sua implementação nas universidades, que versou entre dois eixos: fundos de investimento e endowments. Em São Paulo, houve a criação do Movimento em defesa da Ciência e Tecnologia Pública, contra a ótica neoliberal e produtivista, implantada desde o plano Bresser-Pereira.

Adunicamp (Renato Dagnino): Necessidade de disputar a narrativa hegemônica que as empresas têm impacto positivo na universidade. Crença no modelo equivocado de uma parcela da categoria.

Dia 08/10/2023 - Domingo

Abertura: Francieli Rabelatto (Secretária Geral do Andes-SN) - fez uma fala de saudação e informes sobre a plenária das/os servidoras/es públicos federais em Brasília. Nova plenária no dia 07/11 e 08/11 ato em defesa dos serviços públicos.

Informes da Diretoria – Annie (Andes-SN): apresentou o calendário das reuniões dos setores e GTs e seminários do Andes-SN.

Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

09:00 - 10:30 - Retomada das resoluções do 66º CONAD (apresentação de tabela com todas resoluções).

Coordenação: Michele Schultz Ramos (1 VPR Regional São Paulo)

Relatório: Annie Schmaltz Hsiou (3a secretária Andes-SN)

Secretaria: César André Luiz Beras (1 VPR Regional Rio Grande do Sul).

Resoluções do 66º CONAD

Conselho do ANDES-Sindicato Nacional

Campina Grande/PB, 14 a 16/07/2023

Tema Central: 66º CONAD do ANDES: NA REORGANIZAÇÃO DA CLASSE COM INSPIRAÇÃO NAS LUTAS E CULTURAS POPULARES.

II – POLÍTICA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

O 66º CONAD DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN, a partir da articulação com o GTC&T, atualize o Caderno 28.
2. Que o ANDES-SN lute pela vinculação de recursos destinados à C&T.
 - 2.1 Que os recursos destinados ao FNDCT sejam integralmente aplicados em C&T públicas, sem contingenciamentos, inclusive do saldo de anos-exercício anteriores.
3. Que o ANDES-SN via seções sindicais, de acordo com as respectivas legislações, lutem para que as fundações de amparo à pesquisa nos estados tenham vinculação de recursos.
4. Que o ANDES-SN, por meio de suas seções sindicais, mantenha sua posição contrária à lógica produtivista, gerencialista e meritocrática aplicada à avaliação dos programas de pós-graduação das IES, com a extinção do ranqueamento produtivista. Que lute pelo estabelecimento de um sistema de avaliação participativo, democrático e transparente, que

preze pela qualidade e contextualização do trabalho realizado e que permita a potencial melhoria de todos os programas de pós-graduação do Brasil.

4.1 Que o GTC&T, o GTPE e o GTSSA realizem debate sobre o tema de avaliação da pós-graduação.

5. Que o ANDES-SN lute por um sistema de avaliação da pós-graduação que respeite as particularidades, especialmente as diferenças regionais da produção de conhecimento científico e para publicização das diversas áreas e culturas científicas, contemplando as diferenças nas condições das IES, IFES e CEFETs e condições mais precarizadas das mulheres com tripla ou quádrupla jornada de trabalho.

6. Que o ANDES-SN lute por orçamento adequado para a CAPES e que a distribuição de recursos vise a melhora dos programas de pós-graduação, especialmente daqueles que ainda não estão consolidados.

7. Que o ANDES-SN lute por orçamento adequado para o CNPq e para a FINEP, com chamamentos públicos que estejam voltados para os interesses dos trabalhadores e trabalhadoras.

8. Que o ANDES-SN intensifique a luta, em articulação com o movimento estudantil, para garantir o reajuste das bolsas de ensino, pesquisa e extensão.

9. Que as seções sindicais realizem um mapeamento da implementação do MLCTI nas IES e intensifiquem a luta pela revogação das normas que o regulamentam e implementam nas instituições.

9.1. Que as seções sindicais ampliem a mobilização e a luta contra a incorporação da lógica produtivista e meritocrática na organização do trabalho docente e nos processos de avaliação de cada IES que, inclusive, desconsideram as condições de trabalho (ensino, pesquisa e extensão) na instituição.

10. Que o ANDES-SN, em articulações com as seções sindicais, provoque debates nas IES sobre a Lei n.º 13.800/2019, a fim de apontar ações que impeçam a normatização dessa lei na dinâmica das instituições de ensino.

11. Que o GT C&T debata nas suas reuniões:

a) as atuais metas de internacionalização que geram pressões e grande frustração, equiparando a produção nacional que contempla a cultura, a realidade brasileira e recursos nacionais, considerando as enormes diferenças entre a nossa realidade e a dos países que possuem maior investimento na ciência;

b) movimento de ciência aberta (open science) que propõe uma forma colaborativa, compartilhada e pública de socialização de metodologias, levantamento de dados, uso e criação de softwares e hardwares, notas de pesquisa e relatórios, com acesso online e livre às publicações científicas (open access).

Debate

Renato Dagnino (Adunicamp): Destaque geral - ênfase muito grande na pós-graduação, parece estar remetendo apenas ao tema da pós-graduação no âmbito das IES. Discussão de qual ênfase o trabalho do GT deveria se nortear, relacionado à pesquisa e formação de recursos humanos.

Maria Luiza (ADUnB): as pautas de representação estão em disputa e sendo fragmentadas pelos movimentos e acredita que o seminário integrado consiga amarrar as diversas pautas que atravessam os GTs, pois a lógica hegemônica é nos dividir.

Cesar Beras (Andes-SN): a proposta do seminário integrado é para discutir na totalidade as questões levantadas pela professora Maria Luiza. Na regional Rio Grande do Sul, realizaram há alguns anos, um seminário integrado sobre aposentadorias e previdência social.

João Claudino (ADUFF): está bastante impactado pelo Nego Bispo, por conta da leitura que faz sobre a colonialidade no poder, além do impacto da dicotomia entre as ciências humanas e exatas, que reforça uma lógica desigual de financiamento para o desenvolvimento de conhecimento científico.

Elaine Neves (ADUFFPel): Reforçando a necessidade do debate integrado entre o GTCeT, GTSSA e GTPE.

Renato Dagnino (Adunicamp): chama a atenção para a FAPESP, que é o modelo para as outras FAPs, pois existe uma vinculação estadual que garante um percentual para investimento

em CeT para as IES de São Paulo. Modelo deveria ser questionado, visto que as FAPs foram criadas pelas elites científicas, além do percentual de destinação às FAPs.

Michele Schultz (Andes-SN): temos que lutar pela vinculação de destinação (percentual) de verba pública pelos estados para CeT. Apresenta os dados da LOA federal, que demonstra que haverá a queda no investimento em CeT, cerca de 25% menor.

Marcelo Zaiat (Adusp): pontos 2 e 3 se sobrepõem. Fala em defesa da vinculação e repasse do estado à CeT.

Marcelo Ueki (ADUFS): proposta de modificar o nome do GT para Ciência, tecnologia e sociedade. Não temos representantes sindicais nas FAPs, proposta que representantes da categoria sindical tenham assento nas FAPs.

Graciella Doz Carvalho (ADUnB): importante disputar por dentro as diretrizes das FAPs. Existe representação dos estudantes nos conselhos do CNPq e da CAPES, mas não do Andes-SN.

Michele Schultz (Andes-SN): reflexão sobre a disputa por dentro e por fora. Como exemplo, o Fórum das Seis atua pela via parlamentar na Alesp, com mandatos que acolhem nossas pautas.

Michelli Costa (ADUnB): é uma demanda que chega na ADUnB para fazer parte da FAPDF. Qual é o debate de luta por dentro ou por fora?

Michele Schultz (Andes-SN): nós acabamos legitimando o espaço que é da maioria da direção das FAPs. Movimento sindical deve buscar fazer o controle sem participação institucional.

Maria Luiza (ADUnB): pontos 2 e 3 se combinam através da necessidade de participação das seções sindicais nos conselhos governamentais, pois representam espaços de disputa. A ausência do Andes-SN por muitos anos no FNDE. O Andes-SN deveria estar em todos os espaços de disputa, inclusive as FAPs.

João Claudino (ADUFF): Questão de fundamento de concepção sindical que é de autonomia de governos, e com isso conseguimos travar a luta em diversos debates enfrentamentos devido

a capacidade do Andes-SN não estar vinculado a órgãos e conselhos governamentais. Defesa da luta por fora. Existem meios para o acompanhamento dos processos sem estar dentro da institucionalidade.

Angélica Miranda (APROFURG): a lógica da universidade contraria a lógica que defendemos, os privilegiados continuam sendo favorecidos, enquanto uma grande maioria não tem acesso aos editais internos na universidade. Lei de Mateus.

Renato Dagnino (Adunicamp): Proposta de um documento síntese destas resoluções, como encaminhar a nossa discussão. Primeiro momento segurar recurso, depois para onde irá. É factual e não programática. A maneira de como são encaminhados esses recursos discordamos, mas o termo "lutar" para vinculação dos recursos, tem a ver com a forma de como se aloca o dinheiro público, que é dinheiro dos/as trabalhadores/as.

Mayra Goulart (ADUFRJ): dois princípios basilares - meritocrático e democrático. Proposta: que o Andes trabalhe em mecanismos para que professores jovens tenham acesso à financiamento, reformulação de critérios de seleção. Lançamento pelo Observatório do Conhecimento de uma bolsa de primeiro nível para jovens professores.

Renato Dagnino (Adunicamp): viés excessivo vinculação dos recursos dos estados às FAPs, mas entende que vem da base. Preocupado com documento síntese. Não parece necessário de outros exemplos, mas deixar qual é o sul para este sistema: produção de conhecimento para atender as demandas cognitivas da maioria da população. Questão de conteúdo programático que não está presente nos TRs.

Maria Luiza (ADUnB): Ponto 5 - apelo do sistema do programa de pós-graduação, com viés para as diferenças regionais e culturais e de mulheres. Reforça a fala de ontem sobre a EJA vinculada à profissionalização, pois 80 milhões de pessoas estão sem acesso à educação. Tem uma questão muito grave, onde as IES acolheram estudantes em ascensão social, mas setores diversos (gênero, raça e condições sociais distintas) do aluno que ingressou na universidade não são ainda favorecidos para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas.

Renato Dagnino (Adunicamp): Discorda da interseccionalidade do ponto 5.

Annie Schmaltz Hsiou (Andes-SN): Defesa por mais mulheres na ciência, discordou do ponto de vista do Renato. Avanços nas políticas das FAPs e agências de fomento em prol das docentes, estudantes e pesquisadores/as em relação às licenças maternidade e parentalidade na academia. Contudo, continua a existir um forte viés que prejudica principalmente as mulheres nas avaliações das agências de fomento e nos programas de pós-graduação, que punem as mulheres por conta dos impactos da maternidade na produção de conhecimento, inclusive impactos nos regimes de trabalho (caso USP).

Marcelo Ueki (ADUFS): Proposta de formulário de pesquisa, para passar pra base, sobre falta de recursos, financiamento, sobre a pós-graduação.

Milton Lima (APROFURG): como o Andes-SN enxerga o caminho deste reajuste/percentuais para a pós-graduação?

Maria Luiza (ADUnB): esclarecimentos sobre o que acontece com os estudantes de residência médica, sobre o valor para fins previdenciários para estudantes de pós-graduação.

Graciella Doz Carvalho (ADUnB): pauta antiga sobre a contribuição previdenciária dos estudantes, Florestan Fernandes foi um dos primeiros deputados a promover o debate. Diversos avanços foram alcançados no último período.

João Claudino (ADUFF): luta política pelo reajuste das bolsas de pós-graduação.

Maria Luiza (ADUnB): Ponto 11 - Quais são os interesses da classe trabalhadora para a internacionalização? Pra quem e pra quem é a nossa produção de conhecimento. Principalmente deveria apontar a luta socialista. Quem são nossos parceiros internacionais? (Prioridade para China, África, Cuba, Vietnã).

Angélica Miranda (APROFURG): Proposta de ENCAMINHAMENTO (propostas de redação e inclusão no TR da Diretoria) item 1- b) movimento de ciência aberta - O movimento de ciência aberta tem se fortificado no Brasil e no mundo. Acontecem eventos seguidamente, inclusive com diversas parcerias. No entanto, muitas áreas do conhecimento não estão envolvidos. Precisamos: a) falar sobre ciência aberta e fazer com as IES/IMES/CEFETS/IFS tenham consciência do que é a ciência aberta, b) Embora falemos de democratização do acesso

ao conhecimento produzido, a Ciência Aberta também trabalha para a preservação da memória das instituições uma vez que reúne, sistematiza e preserva o conhecimento produzido, c) propõe novas formas de avaliar a produção ciência, entre elas a da valorização do índice H em substituição/detrimento do Fator de impacto e d) apresenta a avaliação por pares aberta em que tanto o artigo quanto a avaliação são publicizados. Por esse viés, compreendo que uma das questões mais importantes é reforçar que o que é produzido com dinheiro público deve ser publicizado à sociedade. Sem entrega de trabalho às editoras comerciais. Fortalecer os repositórios digitais (todos) e revistas de acesso aberto é um passo inicial. Promover o acesso de forma igualitária ENCAMINHAMENTO 2: Que as universidades oportunizem àqueles que estão em início de carreira possam ter chances iguais de aprovação de projetos, visto que no geral, somente os que já estão com currículo mais denso, tem oportunidades.

Renato Dagnino (Adunicamp): Pontos 11a e 11b são diferentes, crítica ao resgate da memória pelas IES. Desmembrar os itens da ciência aberta em outros itens.

Michele Schultz (Andes-SN): esclareceu que o item 11 tinha o intuito de provocar o debate no Andes-SN. O TR em si, foi um desmembramento de outros TRs de outros GTs.

Angélica Miranda (APROFURG): Discordou do Renato. Defendeu o resgate da memória do conhecimento produzido pelas IES através dos repositórios.

João Claudino (ADUFF): Metáfora sobre a internacionalização: o asteroide B612, descoberto por um pesquisador turco, e ninguém deu atenção quando foi apresentar em um congresso internacional, porque estava vestido com vestimentas étnicas. Porém, quando foi vestido de forma "europeia", todos deram atenção à sua pesquisa.

Encaminhamentos

Michele Schultz (Andes-SN): síntese da reunião, mesas e TRs.

Fabio Bezerra (SINDCEFET-MG): inclusão da ciência, extensão, pesquisa e ensino popular, proposta de edição da Revista Universidade e Sociedade sobre o tema.

Maria Luiza (ADUnB): levar o CeT para a gestão da universidade, no sentido de reivindicar a presença sindical nos Conselhos das universidades. Proposta de construção de conselhos populares. Andes-SN deve participar do Fórum Nacional de redução das desigualdades sociais. Luta pelo domínio público da obra de Paulo Freire, Andes-SN deveria disputar pelo acesso gratuito da obra, hoje sob a guarda da família.

Renato (Adunicamp): O Andes-SN deve disputar o modelo atual da política cognitiva brasileira, pois é uma disputa pela hegemonia dentro das nossas instituições

Fechamento – Michele Schultz (Andes-SN): Ressaltou que o GT não é um espaço deliberativo, mas de acúmulo de propostas a serem debatidas no âmbito da Diretoria, que podem ser incluídas nos textos de apoio e em textos de resolução no próximo congresso em Fortaleza. Após esta explanação, Michele resumizou as principais pautas debatidas durante a reunião do GT CeT:

- Realizar debate sobre concepção de ciência, tecnologia e sociedade. Possível tema: cultura, saberes originários e dos movimentos sociais.
- Realizar Seminário conjunto com GTPE e GTSSA.
- Lutar pela democratização do conhecimento produzido por meio do movimento ciência aberta.
- Lutar pelas ciências anticoloniais, antimachistas, antirracistas, com valorização dos saberes indígenas e dos povos originários, socialmente referenciados.
- Avaliar os impactos do produtivismo acadêmico sobre a prática científica.
- Denunciar as práticas do mercado editorial e das revistas predatórias. Lutar pelas revistas de acesso aberto.
- Buscar uma internacionalização de modo a ‘sulear’ as práticas científicas.
- Lutar pela intersecção entre pesquisa e extensão.
- Que o tema de CeT e sua interface com a extensão seja tema de uma edição da U&S.
- Lutar pela retirada do Future-se e similares.
- Que se crie um Fórum Nacional de debate sobre a redução (ou eliminação?) das desigualdades sociais.